

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: REFLEXÕES A PARTIR DOS ENCAMINHAMENTOS REALIZADOS A UMA CLÍNICA ESCOLA.

Saes, Danuza Sgobbi

(UNIMAR – Universidade de Marília – Danuza.saes@gmail.com)

Resumo: As dificuldades de aprendizagem representam significativo número dos casos de queixas escolares e encaminhamentos de crianças aos diversos setores relacionados à saúde mental. A Psicopedagogia Clínica apresenta-se como importante área de avaliação e intervenção nesse setor. O trabalho em uma clínica escola que atende em Psicopedagogia Clínica instigou a buscar uma melhor compreensão acerca das causas subjacentes aos encaminhamentos de possíveis diagnósticos de dificuldades de aprendizagem. Para tanto, realizamos um levantamento dos casos encaminhados por escolas da rede pública à clínica ao setor de Psicopedagogia Clínica da Universidade de Marília em um período de quatro meses, investigando qual foi a queixa identificada pelos professores para justificar o encaminhamento ao serviço. Foram analisados 77 casos encaminhados, sendo que destes, 32 deles não houve interesse por parte da família em inserir a criança no serviço de Psicopedagogia. Em relação às dificuldades apresentadas, 82% dos motivos estavam relacionados às dificuldades de leitura/escrita e alfabetização. Outros motivos alegados para o encaminhamento foram: Dificuldades de atenção e concentração, problemas de humor e adaptação, dificuldades em matemática. Os dados coletados sugerem a necessidade de um trabalho efetivo junto às famílias para garantir o acesso das crianças aos serviços oferecidos, bem como, a investigação dos impedimentos para tanto. Também, a necessidade de se pensar o número importante de dificuldades relacionadas à leitura e escrita, evidenciando a necessidade de se investigar os fatores que podem estar incidindo em um desenvolvimento deficiente do processo de aquisição da linguagem, ou da própria patologização do processo natural de aquisição desta.

Palavras-Chave: Dificuldades de Aprendizagem, Psicopedagogia, Clínica-Escola.

Introdução

O processo de aprendizagem se inscreve na dinâmica de transmissão da cultura, que constitui a definição mais ampla da palavra educação, sendo que esta possui quatro funções interdependentes: a função mantenedora da educação ao reproduzir um conjunto de regras que perpetuam a espécie humana; a função socializadora que ensina modalidades aceitas de ação; a função repressora que garante a sobrevivência do sistema que rege a sociedade e, por fim, a função transformadora que revela formas peculiares de transformação dos sistemas de regras vigentes. O sujeito que não aprende, portanto, não realiza nenhuma das funções sociais da educação. (Pain, 1985)

O processo de aprendizagem abarca as dimensões biológicas, cognitivas e sociais e ainda demanda condições internas, como: plano corporal, condições cognitivas e comportamentais, porém, as condições externas não podem jamais ser desprezadas. Assim, não aprender se configura como uma constelação de comportamentos e seu diagnóstico é sempre multifatorial. (Pain, 1985)

A Psicopedagogia traz em seu exercício, o cumprimento dos fins educativos, mas seu objetivo é que o sujeito se integre na sociedade ao mesmo tempo em que a transforma, portanto, busca não sua conformidade, mas sua compreensão. Nesse sentido, é preciso destacar a diferença de papéis entre o profissional da educação que busca construir situações de ensino que possibilitem a aprendizagem, ao do psicólogo que se interessa pelos fatores que determinam o não aprender e, sua intervenção volta-se para a articulação que justifica o sintoma e estabelece as condições para tornar o patológico dispensável. (Pain, 1985)

Segundo Griz (2009) a Psicopedagogia surge com uma concepção curativa, isto é, como uma prática terapêutica baseada em um modelo médico, porém, a visão contemporânea é que os problemas de aprendizagem não possuem uma única causa e sua busca é por uma compreensão cada vez mais inter ou transdisciplinar, se alimentando de diversos saberes e conhecimentos para explicar e intervir sob as dificuldades de aprendizagem.

A concepção atual da Psicopedagogia, ainda, entende a dimensão do sujeito como autor do seu pensamento e possui, portanto, um caráter ressignificador de práticas e modalidades de aprendizagem. Para tanto, a Psicopedagogia vai além do âmbito sujeito/família/escola e parte de uma busca constante do processo de aprender levando em consideração a triangulação: aprendente/ensinante/objeto de conhecimento, pensando sempre nas condições necessárias para uma ação criativa e espontânea, entendendo que aprender envolve uma complexa rede de relações, vínculos, compromissos, prazer, desejo e definição de papéis. (Griz, 2009)

As questões das supostas dificuldades de aprendizagem são agravadas pelo fato de que o fracasso escolar no Brasil é um fato incontestável, pois, embora nas últimas décadas tenha se garantido o maior acesso à escola através da maior disponibilidade de vagas, isto não garantiu a qualidade da educação oferecida. Assim, convive-se com altos índices de repetência, exclusão escolar, baixos índices de desenvolvimento educacional e desigualdades regionais de qualidade da educação. (Proença, 2008)

Estas dificuldades refletem-se nos serviços de atendimento em saúde mental, oferecidos à população, principalmente na área da psicologia. Assim, grande parte dos encaminhamentos de crianças aos serviços de saúde mental, hoje, referem-se

à queixas nas áreas de dificuldades de aprendizagem, na maioria das vezes, se baseando na crença das dificuldades individuais da criança ou da família, sem se analisar as dificuldades no processo de escolarização.

Proença (2008) nos remete à reflexão de que o psicólogo deve se descolar de uma visão medicalizante e patologizante das dificuldades de aprendizagem que explica a realidade única e exclusivamente, a partir das estruturas psíquicas, se esquecendo dos determinantes institucionais e sociais. Assim, ainda que busquemos oferecer um serviço clínico com o fim de libertar o indivíduo de suas dificuldades, o fato da criança estar inserida em uma ambiente escolar hostil e ameaçador deve ser levado em consideração.

De modo geral, como nos aponta também Braga e Morais (2007), o psicólogo ainda mantém uma visão patologizante dos problemas de aprendizagem e acaba por desconhecer a complexa rede de relações imbricada na queixa escolar. Portanto, o reconhecimento do aumento das queixas relativas à inadaptação escolar para o serviços de atendimento em saúde mental nos exige uma reflexão acerca do fenômeno.

Entre os serviços de saúde mental mais procurados pela população em geral, inclusive, para atendimento às queixas escolares, figuram os atendimentos realizados pelas clínicas-escola. Cunha e Benetti (2009) corroboram essa afirmação e ainda pontuam da necessidade crescente de pesquisas em relação a este *locus* de atendimento, a fim de avaliar demandas e planejar ações, adequando-as às necessidade da população.

A Psicologia, por exemplo, é um campo de aplicação que impõe desafios, assim, não basta a formação teórica, mas essencialmente o contato com o paciente, realizado através das clínicas-escola. Porém, não há um modelo pré formado de constituição desses espaços. As vertentes de formação de ensino, pesquisa e extensão não são facilmente articuláveis e a consecução desses objetivos talvez seja melhor alcançada através de estudos epidemiológicos acerca da população atendida. (Perfeito e Melo, 2004)

No curso de Psicologia da Universidade de Marília, por exemplo, os estágios curriculares com vistas à formação profissional de seus alunos vêm se desenvolvendo nas seguintes áreas: Psicologia Organizacional, Psicologia Escolar, Psicologia Clínica e Psicopedagogia.

Os estágios são supervisionados por professores com formação em psicologia e experiência na área em que os estágios são desenvolvidos. As supervisões ocorrem na clínica escola da Universidade que tem como desafio atual realizar a dupla tarefa de formação profissional e assistência à comunidade.

Nesse sentido, a Universidade tem mantido uma parceria com escolas públicas da região que através da diretoria regional de ensino, encaminham casos de alunos em que identificam supostas dificuldades de aprendizagem, para o estágio de Psicopedagogia Clínica do curso de graduação em Psicologia.

O estágio em Psicopedagogia clínica tem como instrumento norteador a manutenção de uma visão atualizada e contemporânea da Psicopedagogia que entende as dificuldades de aprendizagem como multifatoriais e suas intervenções se fazem nesse sentido. Com esses objetivos traçados, pretende-se que os alunos aprofundem conhecimentos teóricos e uma prática voltada para a compreensão das complexas relações, contextos e variáveis envolvidas.

Na prática, após a análise dos relatórios encaminhados pelas escolas, procede-se um trabalho de triagem e, posterior, atendimento dos casos em caráter clínico. Atualmente o estágio em Psicopedagogia conta com 54 estagiários e 108 casos em atendimento.

Diante dessa complexa e rica realidade de trabalho, acreditamos que seja necessário a constante avaliação dos serviços, bem como, compreensão das demandas apresentadas ao setor. Não apenas para aprofundar o conhecimento produzido em âmbito acadêmico, mas como também, em uma constante busca de melhoria dos serviços prestados à população atendida. O presente estudo teve, portanto, como objetivo buscar compreender os motivos que levam os professores a encaminhar alunos para os serviços de apoio à Dificuldades de Aprendizagem, buscando refletir as questões subjacentes à esses encaminhamentos.

Em paralelo, pretendemos ainda, contribuir com outros serviços e estudos acerca da delimitação do fenômeno das dificuldades de aprendizagem, principalmente, se atendidos em circunstâncias similares a aqui apresentadas.

Metodologia

A presente pesquisa se deu a partir da análise dos encaminhamentos de possíveis casos de dificuldades de aprendizagem, realizados por Escolas públicas do município de Marília para a Clínica Escola de Universidade de Marília, no período de fevereiro a maio de 2018, especificamente ao setor de estágio de Psicopedagogia Clínica, supervisionado por esta autora.

A análise se deu após a autorização dos responsáveis pela Universidade, na pessoa da Coordenadora da Clínica do curso de graduação em Psicologia. Após o levantamento dos casos encaminhados por escrito pela Diretoria de Ensino, a partir da parceria firmada com a Universidade, buscou-se uma investigação de caráter

exploratório e investigativo acerca dos motivos alegados pelas escolas para realizar o encaminhamento, lembrando que estes são realizados por escrito pelos professores das escolas, bem como, para melhor compreensão, realizou-se uma tratativa de análise numérica dos casos, separando-os por motivos dos encaminhamentos e buscando-se, a partir daí, compreender a natureza e características dos encaminhamentos, entre outras variáveis.

Resultados e Discussão

No período de 4 (quatro) meses foram encaminhados para a Clínica de Psicologia da Unimar para atendimento no setor de Psicopedagogia Clínica, um total de 77 casos. Assim que as cartas de encaminhamento das escolas são recebidas, são distribuídas para alunos estagiários que realizam o primeiro contato com a família, oferecendo o atendimento para seus filhos, esclarecendo os motivos alegados pela escola para tanto. Neste primeiro contato, o aluno esclarece não apenas o motivo do encaminhamento, como também as características e objetivos do serviço e do atendimento a ser realizado.

Neste período, portanto, foram realizados 77 (setenta e sete) contatos telefônicos, porém, deste montante, apenas 45 iniciaram o atendimento, pois, em 32(trinta e dois) deles, a família alegou não ter interesse no serviço, em alguns casos apresentando uma justificativa relacionada a questões práticas, como a distância, indisponibilidade de horário ou, em outros casos, alegações como não acreditar no atendimento, não acreditar na melhora da criança ou mesmo, não ver o filho como possuidor de qualquer queixa ou dificuldade escolar.

O Estudo das queixas apresentadas pelos professores nos encaminhamentos, tiveram a seguinte distribuição: dos 86 casos estudados, em 82% destes, as queixas estavam relacionadas à dificuldades de leitura/escrita e alfabetização, isto é, dificuldades em relação ao desenvolvimento da linguagem escrita de modo geral, sendo que em 33% deste número, estas dificuldades estavam associadas a outras questões, como: dificuldades de atenção e concentração, dificuldades com matemática e dificuldades de humor e comportamento.

Em 9% do total dos casos, as dificuldades estavam relacionadas à dificuldades/problemas de comportamento e adaptação, como agressividade, alterações de humor; em 5 % dos casos as queixas estavam relacionadas à dificuldades de atenção e concentração; em 2% dos casos as queixas relacionavam-se à dificuldades em matemática.

Como podemos perceber pela somatória dos percentuais, em muitos casos, as queixas se sobrepunham.

A primeira questão importante a ser refletida a partir desses dados é o alto índice de desinteresse das famílias em relação à oferta do serviço de Psicopedagogia às crianças que supostamente estão enfrentando dificuldades de aprendizagem, a partir da perspectiva dos professores.

A desistência e o abandono do tratamento em clínicas-escola já foi relatado em pesquisas anteriores, como as de Mantovani, Marturano e Silveiras (2010) que em um estudo relacionado ao atendimento infantil, relataram que em 258 casos houve 16% de desistência e 49% de abandono. Estudo anterior, específico sobre a clientela de atendimento psicopedagógico, conduzido por Marturano, Degani, Alves e Miranda (1993), também trouxe o abandono como um problema preocupante, tentando, inclusive encontrar justificativas para tanto.

Ainda que as pesquisas relatam o alto índice de desistência e abandono, principalmente, relacionado à clientela de clínicas-escola; no presente estudo o desinteresse se manifestou logo no primeiro contato, evidenciando que os problemas relacionados ao fato, são anteriores ao atendimento, isto é, as falhas no processo parecem estar relacionadas ao encaminhamento das crianças.

Podemos concluir que a fim de garantir que as crianças recebam o atendimento necessário quanto às possíveis dificuldades que venham a se manifestar em seu processo de ensino-aprendizagem, a família deve ser adequada e suficientemente conscientizada da importância da intervenção, bem como, das condições e características do processo.

Outro fato importante pode estar relacionado à baixa crença que a família possa ter em relação à percepção da escola ou às capacidades da própria criança, o que teria impacto importante no desenvolvimento da aprendizagem da criança e precisaria ser comprovado a fim de que intervenções condizentes fossem realizadas.

Chama a atenção, também, o significativo número de queixas relacionadas à dificuldades de leitura e escrita, o que nos leva a pensar a partir de alguns caminhos, o primeiro é que precisamos entender porque a criança, atualmente, não reúne as condições para o desenvolvimento esperado dessas habilidades, parece-nos evidente que as questões pedagógicas do ensino relacionadas a este conteúdo precisam ser repensadas, visto que, aparentemente, os recursos técnicos utilizados não são suficientes para oferecer à criança as oportunidades de desenvolvimento necessárias. Além disso, parece-nos também que a criança ao ser alfabetizada ainda não reuniu as condições prévias necessárias para tanto.

Tais reflexões se assentam nos escritos de Teberosky (1992) que afirmou que as crianças possuem conhecimentos e crenças prévias ao ensino

formal e esses desempenham importante papel na aprendizagem, ainda que nem sempre sejam adequados. Portanto, introduzir a leitura e escrita à crianças que talvez não tenham tido acesso suficiente e adequado ao universo das letras seja algo a se pensar.

Para a mesma autora, o processo de ensino aprendizagem não comporta apenas conhecimentos sobre o conteúdo a ser ensinado, mas a crença sobre a capacidade de aprendizagem dos alunos. Há, portanto, que se questionar o quanto os professores possuem crenças prévias acerca da incapacidade dos alunos na aprendizagem adequada da própria língua.

Como alternativa, a autora sugere que precisamos avaliar as condições da situação de produção que influem nos resultados e ainda, mostrar que as crianças são sim capazes de produzir uma infinidade de textos escritos, mas que devemos ir além do que as crianças sabem para que a aprendizagem seja significativa.

Em consonância a essas reflexões encontramos os escritos de outros pensadores contemporâneos da educação, como Moraes (1997) que afirma que as dificuldades de aprendizagem dependem de causas múltiplas, como métodos de ensino inadequados, questões subjetivas, falta de maturidade para iniciar o processo de alfabetização, o que quer dizer, a ausência de estimulação prévia das habilidades básicas necessárias à alfabetização, como: desenvolvimento da imagem corporal, lateralidade, orientação espacial, habilidades visuais, percepção e discriminação de semelhanças e diferenças, memória visual, entre outras. Lembrando que estas habilidades não são necessariamente desenvolvidas na escola, mas no cotidiano da criança, em suas vivências de brincadeira, ludicidade, experiências e estímulos que lhe são oferecidos. Há que se questionar, portanto, se nossas crianças estão tendo as oportunidades necessárias para o desenvolvimento de tais habilidades.

Griz (2009) auxilia na compreensão da questão das condições prévias à aprendizagem, ressaltando a atual questão da inibição da motivação par aquisição de novos conhecimentos, bem como, a expansão da televisão e a inibição do processo de brincar que tanto e de diversas maneiras, tem afetado os processos cognitivos infantis. Neste ponto, vale ressaltar que, para o referido autor, na aprendizagem; a fala, a leitura e a escrita não são processos separados, mas interdependentes e são o produto manifesto de um único sistema funcional da linguagem e sua aquisição depende de um desenvolvimento harmonioso de interação entre diversas funções.

Para Ferrero e Teberosky (1985) entre as concepções iniciais do desenvolvimento da língua e os pontos terminais desse processo, há um longo processo que exige da criança a aquisição de habilidades, bem como, a reestruturação de esquemas e hipóteses, assim, normalmente o ensino tradicional não é capaz de atender essas exigências e

acaba por haver uma grande distância entre aquilo que a criança aprende e o que a escola ensina.

Conclusões

O presente estudo nos mostrou que as pesquisas relacionadas aos atendimentos realizados pelos serviços de clínica escola se mostram um campo fértil para enriquecimento do conhecimento e aprimoramento da atuação profissional. Podemos afirmar que a rica demanda que se apresenta permite importantes inferências sobre fenômenos atuais na área da aprendizagem e da atuação clínica. Assim, para além do enriquecimento do conhecimento científico, a continuidade dos estudos dessa natureza, auxiliam na melhoria da oferta de importante serviço a uma população cada vez mais carenciada de atendimento.

No que tange às dificuldades de aprendizagem, podemos perceber o levantamento dos motivos relacionados às queixas produzidas pelas escolas também nos ermitiram importantes reflexões acerca dos motivos subjacentes às dificuldades e, inclusive, melhorias no processo de atendimento destas.

A Psicopedagogia se mostra uma área importante e fecunda no auxílio às crianças em sofrimento relacionado às impossibilidades de ensino-aprendizagem, portanto, não podemos nos escusar de aprimorar cada vez mais a oferta de serviços de qualidade a essa população.

Agradecimentos

Agradeço a Universidade de Marília, em nome de seus responsáveis, principalmente a coordenação do curso de Psicologia, por permitir que, como docente, eu tenha liberdade de realizar as pesquisas necessárias ao aprimoramento da atuação profissional na área.

Referências

BARTHOLOMEU, Daniel; SISTO, Fermino Fernandes; MARIN RUEDA, Fabián Javier. Dificuldades De Aprendizagem Na Escrita E Características Emocionais De Crianças. Revista **Psicologia em Estudo**. Maringá , v. 11, n. 1, p. 139-146, Apr. 2006.

BRAGA, Sabrina Gasparetti; MORAIS, Maria de Lima Salum e. Queixa Escolar: Atuação Do Psicólogo E Interfaces Com A Educação. **Revista de Psicologia USP**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 35-51, dez. 2007.

CUNHA, Tatiane Regina dos Santos e BENETTI, Silvia Pereira da Cruz. Caracterização Da Clientela Infantil Numa Clínica-Escola De Psicologia. **Revista Boletim de Psicologia** vol.59, n.130, pp. 117-127, 2009.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da Língua Escrita. Editora Artes Médicas, Porto Alegre, 1985.

GRIZ, Maria das Graças Sobral. Psicopedagogia: Um Conhecimento em Contínuo Processo de Construção, Editora Casa do Psicólogo, São Paulo, 2009.

LEAL, Luiz Donadon et al . A Clínica-Escola E O Estágio Em Psicologia Na Área Educacional: Fundamentos Teóricos E Prática Profissional. **Revista Psicologia e Educação**, São Paulo , n. 21, p. 79-102, dez. 2005

MARTURANO, Edna Maria; DEGANI, Iara Cristina; ALVES, Claudia Ximenes; MIRANDA, Cláudio Carneiro. Abandono Do Atendimento Psicopedagógico Em Um Ambulatório De Psicologia Infantil Ligado À Universidade. **Revista Medicina de Ribeirão Preto**, numero 26, vol2, p. 114-27, abr.-jun. 1993.

MANTOVANI, Carina Cella Panaia; MARTURANO, Edna Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. Abandono Do Atendimento Em Uma Clínica-Escola De Psicologia Infantil: Variáveis Associadas. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá , v. 15, n. 3, p. 527-535, Sept. 2010 .

MORAIS, Antonio Manuel Pamplona. Distúrbios de Aprendizagem: Uma Abordagem Psicopedagógica, Editora Edicon, São Paulo, 1997.

PERFEITO, Hélvia Cristine Castro Silva; MELO, Sandra Augusta de. Evolução Dos Processos De Triagem Psicológica Em Uma Clínica-

Escola. **Revista Estudos em Psicologia**, Campinas , v. 21, n. 1, p. 33-42, Apr. 2004 .

PAIN, Sara. Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem. Editora Artes Médicas, Porto Alegre, 1985

PROENÇA, Marilene. A Queixa Escolar e o Predomínio de Uma Visão de Mundo. In Machado, Adriana Marcondes; Souza, Marilene Proença Rebello. *Psicologia Escolar: Em Busca de Novos Rumos*, Editora Casa do Psicólogo, São Paulo, 2010

TEBEROSKY, Ana. *Aprendendo a Escrever: Perspectivas Psicológicas e implicações Educacionais*, Editora Àtica, São Paulo, 1992.